

Do sopro do vento vê-se horizontes...

Oyá-Iansã e a potência do Feminino

Verônica A. Costa

Pós-doutoranda em Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro

<https://orcid.org/0000-0002-7395-3529>
veronicafilippovna@gmail.com

Recebido: 5 de junho de 2023
Aprovado: 15 de outubro de 2023
DOI:10.47661/afcl.v17i34.66552



COSTA, Verônica A., Do sopro do vento vê-se horizontes... Oyá-Iansã e a potência do feminino. Anais de Filosofia Clássica Anais de Filosofia Clássica Vol. 17, N. 34, 2023. p. 99–112

ABSTRACT: Dans cet article, nous faisons une interprétation poétique du féminin dans Oyá-Iansã, en soulignant la présence du buffle et du papillon en tant qu'animaux liés à sa présence. Il ne s'agit pas de la définir par des concepts, mais simplement de la ressentir comme la force qui fait tourner la roue de la vie.

KEY-WORDS: Oyá-Iansã; Wind; Feminine; Life; Senses.

RESUMO: Fazemos neste artigo uma interpretação poética do feminino em Oyá-Iansã, destacando a presença do búfalo e da borboleta como animais relacionados à sua presença. Não se trata de defini-la em conceitos, mas tão somente de senti-la como potência que faz a roda da vida girar.

PALAVRAS-CHAVE: Oyá-Iansã; Vento; Feminino; Vida; Sentido.

– I –

Vento, tempestade, raio... Palavras que geralmente surgem em nossos pensamentos quando escutamos o nome Iansã. Vento empedernido a revirar o cerne das coisas... a mudar tudo em um átimo de segundos... Vento embriagante de flores... riso alvo de céus enigmáticos... duplo movimento de ida e volta... dança de vida e morte continuamente... liberdade selvagem amorosa... milênios no olhar das pessoas... toque sensual de um suspiro no corpo nu... E, também, vigor, potência, força criadora – que transforma o que precisa ser. Energia que gera mudança súbita de clima e cadência provocada pelo ensejo de existir e de ser, pela necessidade de transformação e instauração de uma nova ordem, de um novo curso. Força inesgotável. Vida em incessante brotação, irrevogável — tão veloz que o não dizer é o melhor modo para deixá-la, ela mesma, nela mesma, revelar-se. Intrépido, audacioso, veloz... Vento que sacode a poeira e nos chama à realidade. Tormenta que desvela a presença de Oyá como Verbo, como ação, como vigência inexprimível de criação. Pulso e impulso no princípio dos sopros, que opera o encontro de Terra, Água, Ar, Fogo.

São muitas as possibilidades de manifestação de Oyá-Iansã. A cada instante a Rainha dos Ventos e das Tempestades incute em nós a coragem de experienciar de modo intenso aquilo que se oferece como possibilidade. Tufão que devasta. Excessiva vivência. Compasso intenso, passo tenso — metamorfose no vazio. E, também, arrepio súbito que percorre o corpo, que lança o corpo no ilimitado frio quente, fulgor ctônico, livre. Surge confiada e repentina como um clarão atravessando o umbral da porta. Vários horizontes entrecruzados. Em sua presença nenhuma coisa permanece como antes. Longe da luta — nada acontece. Mas as batalhas, as disputas, têm intervalos. E ganha o jogo aquele que se mune não com violência, armas, injúrias, e sim quem joga com estratégia, sedução e astúcia. — Assim, vira-se o jogo. Assim dá-se a volta ao adversário! — O vendaval pode ser avassalador, mas sempre traz

consigo o silêncio, um silêncio penetrante de renovação. Rebuliço: abrir os olhos da alma e viver. Apesar do alarido e do caos, da agitação e do estremecimento, há também compreensão. Assim, cresce o silêncio e com ele o incontrolável desejo de agir. O agir, como medida de liberação e libertação daquilo que é imprescindível, necessário, essencial, a cada um de nós, é condição de felicidade. E a outra margem, exercício de gratuidade, é o pouso de quem se abre para um modo de viver essencial.

Falar de Oyá-Iansã é seguir o hálito das coisas. É demorar-se naquilo que temos de mais próximo e íntimo, extraordinário e belo: a Vida. Enlace com as forças da natureza, a Divindade dos Raios se apresenta de muitas maneiras — sendo sempre a mesma. Impossível estabelecer valores para delimitá-la. Quem detém o vento? Entre as copas de árvores insubmissas o canto das folhas ecoa. Sinfonia de frescor e algazarra de bambuzais. Pétalas lançadas na atmosfera, no vazio... O vento é indomável: levanta a saia da moça, retira o chapéu de palha do agricultor, varre os poemas adormecidos sobre a escrivaninha, beija com delicadeza o rosto da criança, brinca com os pelos do cachorro fujão, entoia canções, devolve um mistério abismado de aurora. Às vezes, corre incontido. Às vezes, tempestivo — de uma fascinante e quase inaudita vertigem. Sem cerimônias, muda o ciclo das estações na dança dos tempos. Dizer, portanto, Oyá-Iansã é não a reduzir a conceitos, a estereótipos, mas tão-somente pôr-se em um processo dinâmico de transformação e renovação da própria Vida.

A partir dela, ela mesma se transforma e transforma...

– II –

O culto a Iansã surgiu às margens do rio Oyá, atualmente conhecido pelo nome de rio Niger, na Nigéria. A liberdade, a coragem e a transformação destacam-se como uma de suas principais características. Oyá-Iansã está sempre em movimento. Pura vibração — alarve e austera,

sensual e transgressora, silente e ligeira, a um só tempo —, a Senhora de Nuvens Plúmbeas opera o princípio feminino e faz a roda da vida girar.

Movimenta-se apenas. Como quem vive o instante. Impetuosa, anda em rodas, aos círculos. A esposa do rei Xangô não tem vocação para a monotonia. Sua energia é visceral. É preciso cuidado para não provocar curto-circuito.

Diante da sua presença as coisas ultrapassam a incerteza, a dúvida, o talvez. A copa das árvores brilha intensa com a luz do sol. Um pássaro corta o céu. Dá um salto o peixe no rio. Um vento sorrateiro atravessa a janela e incute pensamentos revolucionários. Tudo é transformação, movimento contínuo... Borboletas voam sobre o gramado. Folhas espalham-se livres no espaço aberto e, de súbito, redemoinham. A canção do vento aumenta... Em algum lugar do mundo alguém inclina a cabeça para baixo, tal qual um búfalo, intrépido — segue adiante. Explode um grito dos pulmões.

— Epahreey!... é ela quem vem chegando aqui.

Quando ventos sopram — rebuliço. Quando ventos sopram — atenção. A vida desfaz o nó que apertava na garganta. Uma torrente de águas escorre das pedras marulhando. A canção dos ventos baila nos arbustos. Quando ventos correm — mudança, dinamismo, renovação. Tudo voltará a não ser como antes. Tudo voltará a um outro princípio. Quais surpresas envia a Rainha dos Nove Espaços? “Um céu partido no meio da tarde” (Gil; Veloso, 1972), “as almas e os vendavais,/ adagas e ventos, trovões e punhais” (Blanc; Bosco, 1977), nuvens de cal, sopro de vida na hora derradeira, rubor de crepúsculo sem fundo.

Cada um tem uma relação singular com esta energia que é puro movimento. Assim, experiencio sua vibração:

Iansã

É força.

É raios.

Vive na latência das coisas

Em largas espirais

Transbordante
Potência, fogo.

– III –

Escrevo estas notas no regaço de dias insólitos. Escrevo, como quem ama, embora desconheça porque amo, sem saber porque escrevo. Escrevo com quietude e atenção, principalmente com paixão. Escrevo a partir de uma experiência poética, de um olhar curioso que busca ir ao mais profundo de minhas sensações. Talvez o leitor sinta falta de um manancial teórico, reclame pela ausência do cânone. Busco a força plástica. A experiência em uma vida ampla e singular. Rosto ao ar livre. Sorriso de contemplação. O pensamento se adensa, arrasta ideias... Girassóis incandescentes... Alegria de coisa sentida. Oyá dança em meus sonhos, com pés de asas e mãos de vento. Busco acompanhar seu pulso e impulso, seu sopra. Toques de atabaques emergem das profundezas da terra. E um mistério me envolve e escapa por entre os olhos — que alívio! É grande demais para mim a força da qual pretendo me aproximar. Em um átimo de segundos — tudo muda. Oyá pode ser ligeira como às vezes o entardecer é.

Desconheço o que escreverei na próxima linha. Busco a respiração, e não a palavra. É preciso que eu esteja inteira. É preciso estar liberta e sentir a pulsação da vida desde o âmago, desde o seu fundo sem fundo. O que escuto me sugere uma verdade intangível. “Uma verdade — conforme observa Clarice Lispector — inventada” (Lispector, 1973, p. 37). A coragem de viver com autonomia. Nuances reluzentes no oco do bambu. Orquestração. O vento sacode o escuro. As pedras abraçam águas serpenteantes. Noite vermelha. O vento é incorpóreo: não se pode detê-lo na palma das mãos. Escrevo porque algo me impele, algo impulsiona o meu pensamento por uma linguagem a qual chamo de linguagem de Vida.

- IV -

Quando penso em Oyá-lansã penso na vida que — indescritível, irrevogavelmente — se transforma. Penso em uma força encantadora, sensual, feminina. Guerreira. Penso nas potencialidades cósmicas que regem o Universo. Penso: “Ah epahey ela é Oyá, ela é Oyá...”. Penso em metamorfose. Fluxo de sentidos. Penso Helena Theodoro. O que é a Vida? Um arriscar-se; acreditar com veracidade — apesar da angústia e da dor, dos olhos baixos da melancolia, dos lábios transparentes de felicidade — na encantação de sentir/viver as coisas desde o seu âmago.

A imagem do búfalo e da borboleta em Iansã — amalgamada. O búfalo que enfrenta qualquer obstáculo, que não se submete ao caçador, que desafia com coragem e determinação os percalços que encontra ao longo do caminho; e, também, a borboleta que com beleza deixa um rastro encantado no ar, que entregue a si, com aparente suavidade, atravessa o fulgor do tempo, transformando-se. Força e encantamento, o embate e a estratégia, a violência e a reflexão, o peso e a destreza — da palavra, do vento. A borboleta tem sua origem na larva. O forte tem sua origem no fraco. O estio às vezes é torrencial, às vezes é ameno. Vendaval é prenúncio de mudança. No entanto, as grandes transformações raramente provocam alaridos, e estão escancaradas bem diante dos nossos olhos. Para avançar é preciso, mormente, voltar passos atrás. Reelaborar estratégias, olhar sob outra perspectiva. Agir com destreza e astúcia, acúmen e encanto. E ao alcançar o clímax do desespero — serenar. Guardar o grito e apenas agir! Eis aqui o vigor do feminino telúrico... da experiência com o sagrado... do enigmático círculo astuto da vida a devorar tudo... da proximidade com a alteridade... da possibilidade de voltar-se ao simples e compreender que os extremos estão atados um ao outro, porque o humano, a natureza, as coisas não cessam de se transformar — a todo instante.

O mundo é um grande laço que, ao menor toque, se entrelaça, se

desfaz. E a terra, matriz geradora da Vida, uma gira colossal, que gira e gira e gira, nem começo nem fim. Ruminação de auroras. Berço ancestrálico. A Vida, assim como o ser humano, não é uma definição, é aconchego em um novo mistério.

A imagem do búfalo e da borboleta em Iansã — amalgamada. Imagem que manifesta o feminino além do materno, que traz à proximidade o feminino como recusa aos valores impostos por uma sociedade patriarcal. Porque ela mesma, em sua dança transparente de alvares inesperados, é búfalo, é borboleta — em um só movimento. Desse modo, magnetiza, arrebatada, transforma. Sua energia gera determinação; provoca quebra de tabus e preconceitos. Excitação. O feminino em Oyá-lansã é sempre algo vívido, sentido, experienciado desde as entranhas, desde o movimento em si, desde o núcleo, isto é, desde o útero, a cabaça que gesta e gera a vida — de todo e qualquer ser vivo, do mundo, do Universo. Trata-se, portanto, de um feminino que, tomado pela encantação ígnea do vento, motiva o progresso: transmutação, renovação. E que, ao voltar-se para a terra, torna possível o demorar-se no sossego eufórico de uma vida larga.

Uma breve observação: a imagem da borboleta pode parecer que Oyá-lansã seja delicada e suave. Não se engane! Oyá deseja a calma e serenidade aos seus filhos, entretanto, ela mesma nunca para, está em torvelinho, está sempre operando, agindo, *sendo*. Sua maternidade é furiosa — defende seus filhos com unhas e dentes. Na borboleta operam transformações radicais, inconstância. Pousos e saltos em transversal voo. Vida em movimento constante de renovação, criação e recriação de si — desde si, em si. Dança a desenhar no vazio um instante que é simplesmente um aqui-agora.

Liberdade de ser e agir em cadência com a própria vontade, Oiá-lansã não se deixa cercear em conceitos a priori. Nela vigora o ímpeto de ir sempre direto ao essencial. Sensualidade pulsante. Força impalpável. Paixão insubmissa. Cicio em pedras rubras. Chuva de folhagem. Aquela que muda conforme a necessidade, aquela que é transgressora

destemida, aquela que é repouso em vendavais de fuligens... brisa incandescente... longitude, latitude, altitude -- translação... nebulosas... fluxo... Iansã, como Gil e Caetano (1973) outrora disseram: “Senhora das nuvens de chumbo/ Senhora do mundo dentro de mim/ Rainha dos raios, rainha dos raios/ Rainha dos raios, tempo bom, tempo ruim/ Senhora das chuvas de junho/ Senhora de tudo dentro de mim/ Rainha dos raios, rainha dos raios/ Rainha dos raios, tempo bom, tempo ruim”.

- V -

A astúcia de Oyá-Iansã pode ser percebida em uma narrativa na qual ela “rouba” o fogo divino do rei de Oyó. Escutemos:

Conta uma lenda que Xangô a enviou em missão na terra dos baribas, a fim de buscar um preparado que, uma vez ingerido, lhe permitiria lançar fogo e chamas pela boca e pelo nariz. Oiá, desobedecendo às instruções do esposo, experimentou esse preparado, tornando-se também capaz de cuspir fogo, para grande desgosto de Xangô, que desejava guardar só para si esse terrível poder (VERGER, 1981, p. 181).

Esta narrativa me faz recordar do mito grego de Prometeu, que, ardiloso, rouba o fogo sagrado de Zeus e o entrega à humanidade. Com receio de perder o poder sobre os deuses e os humanos, o soberano do Olimpo pune-o severamente. Prometeu é acorrentado a uma rocha na qual dia e noite uma águia devora seu fígado. Ao contrário do que aconteceu com Prometeu, castigo algum ocorreu à Senhora das Paixões Ardentes. Ela não segue as orientações de seu marido Xangô e, de posse do segredo do preparo, lança “fogo e chamas pela boca e nariz”. Com este poder, incute garra e coragem à humanidade. E, inclusive, pode voltar-se furiosa para, em seguida, conciliar aquilo que havia perdido a harmonia.

Insubmissa, promulga sua própria lei. “Iansã fala o que pensa, sendo elemento purificador nas situações de tensão” (Theodoro, 2009, p. 106). Transpassa umbrais, isto é, transita livremente entre o mundo visível e o mundo invisível, reatando elos outrora desfeitos, sobretudo, operando mudanças necessárias à condição humana e harmonia do cosmo. Assim, se instala a verdade da lua e do vento... e tantas perceptivas se desvelam...

Viver é estar às voltas com o inesperado.

Viver é lançar-se ao encontro das possibilidades da Vida, e não calcular.

Coloquemo-nos, pois, em uma posição de travessia! Vento é auspício de mudanças. O que diz sua música por vezes surda, por vezes encantada? A cada instante, o vento insufla Vida. Aí está sua beleza, sua força.

Turbilhoante e livre, assim como o ar aberto, com seus ventos e raios e fogo, Oyá-Iansã assinala o caminho, mesmo que este se apresente em turbilhão. Sua magia se alastra. Quando a Senhora que transita tanto pelo mundo dos vivos quanto pelo mundo dos mortos está presente, tudo se torna dinâmico. Um brilho rasga o céu. O matriarcado roda a saia. É vento, é fogo, suas folhas guardam um segredo. Assim como o vento, o fogo não se prende nas mãos.

Além de guerrear e purificar através do fogo, Oyá-Iansã carrega nas mãos direita uma espada, e na esquerda um eruxim. Com a espada, corta as demandas, abre caminhos; com o eruxim “espanta” os eguns, “varre” as mazelas, protegendo das demandas do cotidiano.

Força plástica que faz pulsar a existência, Oyá está relacionada à transmutação. Nela, o feminino opera tanto à percepção da necessidade de mudar aquilo que está desgastado, estagnado, quanto a coragem de tomar uma decisão capaz de transformar o ethos, político, moral, cultural e ético, sobretudo. Resistência, determinação, disposição para o combate, aversão à preguiça são algumas características da Rainha das Labaredas. Sua capacidade de ser brisa e tempestade e fogo, não se deixa explicar. Nela, o feminino eclode como potência de Vida.

– VI –

Outra narrativa relacionada à Iansã que considero muito bonita diz respeito à morte de seu pai. Escutemos:

Vivia em terras de Queto um caçador chamado Odulecê.
Era o líder de todos os caçadores.
Ele tomou por sua filha uma menina nascida em Irá,
que por seus modos espertos e ligeiros era conhecida por Oiá.
Oiá tornou-se logo a predileta do velho caçador,
conquistando um lugar de destaque naquele povo.
Mas um dia a morte levou Odulecê, deixando Oiá muito triste.
A jovem pensou numa forma de homenagear o seu pai adotivo.
Reuniu todos os instrumentos de caça de Odulecê
e enrolou-os num pano.
Também preparou todas as iguarias que ele
tanto gostava de saborear.
Dançou e cantou por sete dias,
espalhando por toda parte, com seu vento, o seu canto,
fazendo com que se reunissem no local
todos os caçadores da terra.
Na sétima noite, acompanhada dos caçadores,
Oiá embrenhou-se mata adentro
e depositou ao pé de uma árvore sagrada
Os pertences de Odulecê.
Olorum, que tudo via,
emocionou-se com o gesto de Oiá
e deu-lhe o poder de ser guia dos mortos no caminho do Orum.

(Prandi, 2001, p. 310-311)

Oyá-Iansã, com o poder recebido de Olorum/Olodumare, conduz a alma dos mortos (eguns) em sua travessia a um dos nove céus, de acordo com suas ações praticadas durante o período em que viveram.

Para isso, segura na mão esquerda um eruexim (espécie de “espanador” parecido com crina de cavalo e/ou de búfalo, presente de Oxóssi) que a auxilia enquanto se move entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. Senhora das Almas, com o eruexim “limpa”, “varre” o caminho das mazelas e dos obstáculos para que os eguns sejam encaminhados.

Eu poderia prosseguir na interpretação desta narrativa, entretanto, considero mais interessante deixar suas imagens-questões soando e ressoando em sua sutileza e força. Esta homenagem me emociona. Um gesto singelo e profundo. Amor, desde sempre.

– VII –

Vento é presságio e às vezes sopra o luar.

– VIII –

A presença de Oyá-lansã manifesta um estado de graça, uma euforia indistinta. A tênue respiração de sua energia, o sorriso do seu canto, a impalpável verdade de seus olhos convocam à ação. Talvez fosse melhor regressar ao princípio destas notas, recomeçar, rever... mas a todo momento um novo mistério surge e, por ser mistério, não se esgota em uma única interpretação. É sempre possível sentir/pensar a partir de uma outra perspectiva, seguir um outro caminho. Nenhum caminho é constante. Seu percurso é o da criação. Oyá-lansã é um chamado para a criação e recriação da própria existência. Posso concluir que ela não fica parada, não se molda, não se subjuga a nenhuma ordem. É atrevida! É coragem de ser! Ela mesma estabelece sua própria lei! Cada vez que pronuncio/escuto seu nome surge uma ideia. Cada ideia concretiza sua presença, mas não a esgota. Aventuro-me em uma tentativa de dizer o que é indefinível: Oyá-lansã é força criadora que nos coloca diante do

essencial.

Mas o essencial não foi concebido para ser compreendido segundo diretrizes paradigmáticas, e sim experienciado a partir dos nossos sentidos. É pelo sentir, desde a raiz, desde o cerne, desde o mais íntimo que um pouco de sentido surge na poeira do nosso dia a dia. É por sentir Oyá-Iansã que sutilmente tasteio o vazio destas folhas. Não sei explicar. Folha é coisa de vento. E você, leitor astuto, não tente me compreender. Sinta, apenas. — Sentir o quê? — A possibilidade de lidar com o imponderável; de ser à beira de um acontecimento. Isso significa ser livre. Mas o que é a liberdade? Talvez, uma resposta esteja passando pelos versos da poetisa moçambicana Sónia Sultuane:

Liberdade

Quero ser a areia que cobre
apressada o corpo desnudo do universo

quero assobiar aos pássaros
a música despida dos ventos

baloçar no luar despreocupado
fugir das mãos das árvores pregadas na terra
soprar o meu nome escrito na areia quente do deserto
voar abraçada nos dedos dos pássaros para bem longe
sem deixar marcas ou arrependimentos.

(Sultuane, 2009, p. 13)

Liberdade — ser o que se é e não se pode deixar de ser. Oyá-Iansã incute a coragem de ser e agir em sonância e consonância com “a música despida dos ventos”, a inscrever o próprio nome “na areia quente do deserto”, no ilimitado do universo, a entregar-se a uma liberdade

essencial, isto é, à liberdade como ação de não se subjugar a outrem, de traçar o próprio destino, de fazer escolhas por conta e risco próprios.

Oyá-Iansã — desejo de conservar o viver na sua plenitude.

Viver, afinal de contas, é saber que não há antes, nem depois.

Viver é desde sempre.

– IX –

É preciso que haja dinamismo na Vida! Vida é fogo! Vida é vento! Miscelânea de experiências e sensações no âmago de um coração em turbilhão, porque apaixonado por um modo de ser e existir sem preconceitos, Vida. Em meio ao rebuliço, em escuta de vozes ancestrálicas, em diálogo com uma filosofia poética, saúdo: — ah, epahreey! epahreey!

Referências Bibliográficas

- BLANC, Aldir; BOSCO, João. “Tiro de misericórdia 2”. Disco de ouro. Rio de Janeiro: RCA, 1977.
- GIL, Gilberto; VELOSO, Caetano. “Iansã”.
- LISPECTOR, Clarice. Água viva. Rio de Janeiro: Rocco, 1973.
- PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos orixás. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- THEODORO, Helena. Iansã. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.
- SULTUANE, Sónia. “Liberdade”. No colo da lua. Moçambique: Maputo, 2022.